

A COMERCIALIZAÇÃO DO LAZER E A EMERGÊNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE DIVERSÃO NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII.

Luiz Carlos Soares *

1) INTRODUÇÃO.

Abordando uma dimensão muito pouco explorada nos estudos de História Econômico-Social, este trabalho procurará problematizar o estabelecimento de uma nova relação entre as dimensões do público e do privado na Inglaterra do século XVIII. Neste século, verificou-se mais intensamente o desenvolvimento de uma sociedade baseada nos valores da propriedade privada e da acumulação de riqueza material como fator do progresso humano. Assistia-se, de fato, ao nascimento da sociedade capitalista que reiterava a importância estratégica da iniciativa privada, mas ao mesmo tempo considerava o “mercado”, formado por produtores de bens diversos, profissionais que ofereciam serviços de diferentes tipos e consumidores de diversas categorias, a partir de uma nova concepção de “esfera pública”. Isso pode ser verificado no próprio significado da expressão *the market place* que, no inglês setecentista, teve cada vez mais acentuada a sua dimensão pública. As esferas privada e pública não eram excludentes, mas integradas e complementares na constituição desta nova ordem social e de um ideário que, posteriormente (no decorrer do século XIX), seria associado à democracia burguesa.¹

* Professor Titular de História Moderna e Contemporânea do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

¹ O significado da expressão *the market place* como uma esfera de dimensão cada vez mais ampla e pública (e acrescentamos, internacional) é expresso por Adam SMITH – *A inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*, 2 Volumes. (Primeira Edição de 1776). Oxford, Clarendon Press, 1976, pp. 22-23 (Vol. I) e 341, 540, 689 e 709-717 (Vol. II). Sobre a constituição do ideário burguês de democracia, na primeira metade do século XIX, ver: Eric HOBSEBAWM – *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977, pp. 255-274. Para estudos mais gerais sobre a história econômica, política e social inglesa no século XVIII, ver: Jeremy BLACK – *Eighteenth-century Britain, 1688-1783*. Houndmills-Basingstoke (Hampshire), Palgrave, 2001; Paul LANGFORD – *A polite and commercial people: England, 1727-1783*. Oxford – Nova York, Oxford University Press, 1992; LANGFORD (Org.) – *The eighteenth century*. Oxford – Nova York, Oxford University Press, 2002; Roy PORTER – *English society in the 18th century*. Londres, Penguin Books, 1991; Frank O’GORMAN – *The long eighteenth century: British political & social history, 1688-1832*. Londres, Arnold, 1997; e Paul BAINES – *The long 18th century*. Londres, Arnold, 2004..

Estes novos ideais fundamentaram o surgimento de múltiplas práticas e relações sociais na sociedade inglesa setecentista, mas aqui, neste trabalho, procuraremos abordar os fenômenos da comercialização do lazer e da emergência dos espaços públicos de diversão.

O desenvolvimento de uma sociedade mercantil na Inglaterra, sobretudo durante o século XVIII, propiciou a integração de novos setores sociais ao consumo de bens, anteriormente restritos aos setores mais aristocráticos e à grande burguesia comercial, que também compartilhava, com aqueles primeiros, os valores de uma sociedade agrária e baseada na propriedade territorial. Genericamente denominados de *middle classes* (“classes médias”, como forma de distinguí-las da aristocracia ou da população trabalhadora dos campos e das cidades), estes setores emergentes (formados por industriais, comerciantes, banqueiros, profissionais liberais, oficiais militares, funcionários públicos, clérigos, etc.)² determinaram o estabelecimento de um novo padrão de consumo e produção não apenas em relação aos bens materiais, como também em relação à cultura, às ciências, às artes e ao entretenimento. Por outro lado, os novos valores ideológicos sustentados por segmentos destas “classes médias” enfatizavam não apenas a centralidade do trabalho para a criação da riqueza social, como também reconheciam a necessidade do repouso e do lazer para a reposição das “forças físicas e espirituais” dos homens.³

² As “classes médias” (*middle classes*) eram formadas por diversos grupos sociais com interesses e perspectivas distintas, entre os quais se encontravam altos funcionários civis e militares, profissionais liberais (médicos, advogados, professores), religiosos (anglicanos ou dissidentes), pequenos e médios proprietários rurais, comerciantes, banqueiros e industriais. Eram assim denominados porque se distinguiam da “aristocracia” e da “classe trabalhadora” dos campos e das cidades Inglesas, embora alguns dos “setores intermediários”, que se enriqueceram e/ou se destacaram por serviços prestados ao Estado, tenham podido ascender à “nobreza”, através da obtenção de títulos concedidos pelos monarcas. No século XIX, como muitos comerciantes, banqueiros e industriais acumularam fortunas consideráveis, a hierarquia baseada na titularidade sanguínea ou outorgada foi substituída pela fundada na riqueza e no capital possuídos (ou não, como no caso dos trabalhadores rurais e urbanos, o novo proletariado). Embora a expressão *middle classes* continuasse a ser usada no século XIX, passou a ser cada vez mais comum a utilização do termo francês *bourgeoisie* (burguesia) para designar o conjunto dos proprietários do capital ou dos meios de produção, que, além de comerciantes, banqueiros e industriais, também incluía a antiga aristocracia, agora transformada num segmento capitalista agrário que ainda podia investir seu capital em outras atividades econômicas. Sobre isso, ver: Paul LANGFORD – *A polite and commercial people: England, 1717-1783*. Oxford – Nova York, Oxford University Press, 1992, pp. 59-121, Roy PORTER – *Enlightenment: Britain and the creation of the modern world*. Londres, Allen Lane, The Penguin Book Press, 2000, pp. 258-275, 383-396 e 397-423; HOBBSAWM – *A era das revoluções: 1789-1848*. *Op. cit.*, pp. 321-332; e *A era do capital: 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977, pp. 241-260. Sobre a emergência das “classes médias” no ambiente londrino, ver ainda o importante estudo de Peter EARLE – *The making of the English middle classes: business, society and family life in London, 1660-1730*. Londres, Methuen Publishing, 1989.

³ HOBBSAWM – *A era das revoluções: 1789-1848*. *Op. cit.*, pp. 258-261.

Se no campo da produção de bens materiais, este amplo alargamento do mercado se constituiu numa das condições prévias para a grande transformação técnico-produtiva representada pela Revolução Industrial, nos campos cultural, científico e artístico, ele propiciou o surgimento de profissionais especializados que passaram a oferecer seus serviços a um grande número de consumidores e de espaços públicos determinados para a realização de seu trabalho. A divulgação e o consumo da cultura, das ciências e das artes extrapolou o espaço da corte ou das propriedades aristocráticas e passou a atingir um grande público nos espaços dos museus, das galerias de arte, dos teatros, das salas de concerto, das livrarias, dos clubes e das associações filosóficas, científicas e literárias. Eram estas as características básicas de um processo de comercialização do lazer e emergência de espaços públicos de diversão e aquisição de cultura em uma sociedade com novos atores sociais que se pretendiam “ilustrados” e “polidos”.⁴

2) A EXPANSÃO DO MERCADO E A COMERCIALIZAÇÃO DO LAZER.

Primeiramente, é importante abordar a transformação da Inglaterra numa potência comercial a partir do início do século XVIII como a base de um processo de comercialização geral da sociedade neste país. Pode-se dizer que este processo se iniciou na época da Revolução Puritana, quando o Parlamento, sob a liderança de Oliver Cromwell, aprovou o *Act of Navigation*, em 1651; teve continuidade com a Restauração dos Stuart (1661-1688); e aprofundou-se após a Revolução Gloriosa (1688-1689), cuja submissão definitiva do poder real às regras de uma monarquia parlamentar e constitucional, estabeleceu as bases institucionais para a ampliação, junto ao Estado, dos interesses dos grupos comerciais, financeiros e de proprietários rurais vinculados à produção mercantil.

⁴ Sobre a comercialização do lazer e sua dimensão pública, ver inicialmente o texto pioneiro de John H. PLUMB – *The commercialization of leisure in eighteenth-century England*. Reading, University of Reading Press, 1973. Este texto também foi publicado posteriormente numa obra coletiva, ver: John H. PLUMB, John BREWER e Neil MCKENDRICK (Orgs.) – *The birth of consumer society: the commercialization of eighteenth-century England*. Londres, Europa, 1982. Um trabalho mais amplo de PLUMB sobre o assunto é: *Georgian delights*. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1980. Os trabalhos coletivos que abordaram a problemática da comercialização do lazer são: Roy PORTER e John BREWER (Orgs.) – *Consumption and the world of goods*. Londres, Routledge, 1991, e Roy PORTER e Marie Mulvey ROBERTS – *Pleasure in the eighteenth century*. Houndmills-Basingstoke (Hampshire) – Londres, MacMillan Press, 1996.

Por outro lado, este alargamento do mercado trouxe uma ampliação do acúmulo de riquezas e uma melhor situação de vida para determinados segmentos sociais, sobretudo àqueles que no século XVIII inglês foram identificados como as “classes médias”, além de uma tendência à generalização da relação de assalariamento das camadas trabalhadoras, já proletarizadas. Conseqüentemente, desenvolveu-se um maior poder de consumo entre os diversos setores da população inglesa, que começaram a demandar ao mercado um fornecimento de produtos e serviços compatíveis com os seus rendimentos.⁵

À medida que o século XVIII avançava e a Inglaterra aumentava o seu poderio mercantil, com o estabelecimento gradativo de um amplo e poderoso império comercial, o poder aquisitivo da população crescia exponencialmente, levando os produtores de bens materiais e serviços a ampliarem suas ofertas, num regime aberto de concorrência (que se diferia daquele regime de restrições mercantilistas e monopolistas que vigorava nos países da Europa continental). Embora se possa articular a emergência da Revolução Industrial, a partir dos anos 1780, a um conjunto de fatores de natureza econômica (internos e externos ao país), não resta a menor dúvida de que a ampliação do mercado interno e a necessidade de atendimento às demandas crescentes da população por produtos industriais estiveram na base da transformação da manufatura em grande indústria fabril mecanizada e do surgimento da primeira potência industrial do planeta.⁶

Podemos dar alguns exemplos concretos deste processo. À medida que o regime de campos fechados (*enclosures*) determinou a proletarização do antigo trabalhador rural e sua transformação em trabalhador assalariado, este já não mais podia produzir domiciliarmente os tecidos de lã ou as roupas que ele e sua família utilizavam, principalmente nos meses mais frios. Estes setores proletarizados, e mesmo outros segmentos sociais de maior rendimento, sentiram a necessidade de adquirir tecidos e roupas nos mercados locais – nas

⁵ Sobre o alargamento do mercado e o aumento do poder de consumo das “classes médias”, ver: PLUMB, BREWER e MCKENDRICK (Orgs.) – *The birth of consumer society: the commercialization of eighteenth-century England. Op. cit.*; e PORTER e BREWER (Orgs.) – *Consumption and the world of goods. Op. cit.*

⁶ O crescimento do mercado e da demanda interna, articulados ao crescimento do comércio internacional e a outros fatores, também são assinalados por Karl MARX como elementos que levaram à Revolução Industrial e o estabelecimento do capitalismo na Inglaterra. Ver: *El capital: crítica a la economía política*, Volume I. Tradução de Wenceslao Roces. México (DF), Fondo de Cultura Económica, 1973, pp. 607-649 (Capítulo XXIV – “La llamada acumulación originaria”). Um dos melhores e mais atuais estudos sobre a emergência e consolidação da Revolução Industrial inglesa é o de Peter MATHIAS – *The first industrial nation. An economic history of Britain: 1700-1914*. Londres-Nova York, Routledge, 1995.

idades de porte pequeno e médio do interior – e isso estimulou os detentores do capital a investirem-no inicialmente nas manufaturas e, na segunda metade do século XVIII, nas fábricas têxteis mecanizadas. De certo modo, o surgimento de atividades industriais de maior porte, para suprir a necessidade de diversos produtos que antes eram produzidos domesticamente ou em pequenas oficinas artesanais, foi a tônica para a produção de alimentos, bebidas, sapatos, chapéus, vidros, louças, porcelanas, talheres, móveis, ferramentas, brinquedos, armas, etc.⁷

Embora os setores mais ricos e aristocráticos continuassem a desfrutar de um nível de consumo privilegiado, as “classes médias”, sintonizadas com um ideal de polidez (*politeness*) setecentista, passaram a buscar um nível de consumo mais sofisticado, demandando a necessidade de uma oferta de produtos de melhor qualidade aos diversos produtores industriais ingleses.⁸ Se os ricos e aristocratas ainda exibiam, em seus jantares e recepções, a requintada porcelana chinesa (*chinacraft*), que era inacessível para os setores médios, os industriais do interior do país passaram a produzir louças e porcelanas de diversos tipos, mas de boa qualidade, para o atendimento das necessidades destes setores. Alguns industriais, na segunda metade do século, procuraram aperfeiçoar cada vez mais a qualidade de seus produtos, desenvolvendo ou encomendando estudos de base científica para melhorar os processos da formação de massa e cozimento das peças de louça e porcelanas diversas produzidas em seus estabelecimentos, além da pintura e desenhos utilizados, o que os levou a muitos estudos de processos químicos. O exemplo mais conhecido é o de Josiah Wedgwood que, a partir da sua propriedade industrial “Etrúria” (no Derbyshire), construiu uma das maiores empresas industriais e comerciais da Inglaterra, no ramo de louças e porcelanas, que ainda sobrevive atualmente.⁹

Por outro lado, a ampliação da produção e consumo de bens industriais levou a uma revolução nos processos de comercialização, através da qual não apenas foram introduzidas novas técnicas de gerenciamento empresarial, como também novas concepções de disposição e venda dos produtos oferecidos, além de estratégias de sua divulgação

⁷ Ver: MATHIAS - *The first industrial nation. An economic history of Britain: 1700-1914. Op. cit.*.

⁸ Sobre a relação do consumo com o ideal de polidez (*politeness*), ver: Paul LANGFORD – *A polite and commercial people: England, 1727-1783*. Oxford – Nova York, Oxford University Press, 1992, pp. 59-121.

⁹ Sobre os empreendimentos de Josiah Wedgwood, ver: Robert E. SCHOFIELD – *The Lunar Society of Birmingham. A social history of provincial science and industry in eighteenth-century England*. Oxford,

(publicidade) para os consumidores. Em meados do século XVIII, o aspecto dos diversos tipos de estabelecimento comercial já tinha mudado completamente, em nada mais se assemelhando às pequenas e desorganizadas lojas que ficavam na parte dianteira das oficinas artesanais ou pequenas manufaturas. Embora a Inglaterra, no início do século XVIII, já fosse conhecida como um país de *shopkeepers*, numa alusão aos produtos oferecidos pelas pequenas lojas das oficinas ou acanhadas manufaturas, no decorrer deste século, houve uma mudança significativa no sentido deste termo em virtude da maior divisão e especialização entre as esferas da produção e comercialização dos produtos industriais.¹⁰

À medida que as manufaturas, e depois as fabricas mecanizadas, ampliavam-se e aumentavam sua capacidade produtiva, estabelecia-se a necessidade de uma nova concepção da comercialização dos bens produzidos, que procurava redefinir desde a organização espacial dos estabelecimentos comerciais até a apresentação das mercadorias expostas, pretendendo atrair a atenção dos presumíveis consumidores e despertar neles o desejo de adquirir os produtos apresentados. De acordo com viajantes europeus que visitaram Londres, em meados do século, não havia nada parecido, em termos de sofisticação e apelo ao consumo, com as lojas da área do Strand e suas adjacências, que se tornaram o principal centro comercial daquela cidade. Os proprietários de estabelecimentos comerciais do interior também procuravam reproduzir o mesmo padrão de sofisticação e apelo ao consumo verificado na capital inglesa.¹¹

Esta “revolução comercial” e a emergência de uma “sociedade de consumidores”, embora tenha sua base solidamente estabelecida na esfera da produção de bens materiais, não se restringiu exclusivamente a ela. Os diversos setores da produção artística e cultural também se reorganizaram e procuraram adequar suas atividades aos padrões de comercialização e especialização profissional que se desenvolveram ao longo da primeira

Clarendon Press, 1963, pp. 43-45.]; e Jenny UGLOW – *The Lunar men: the friends who made the future: 1730-1810*. Londres, Faber and Faber, 2003, pp. 147-149 e 194-208.

¹⁰ LANGFORD – *A polite and commercial people: England, 1727-1783*. *Op. cit.*, pp. 1-7.; PORTER – *Enlightenment: Britain and the creation of the modern world*. *Op. cit.*, pp. 40-41; e *London: a social history*. Londres, Penguin Books, 1996, pp. 86 e 124; e George RUDÉ – *Hanoverian London*. (Primeira edição de 1971). Thrupp – Stroud (Gloucestershire), Sutton Publishing, 2003, pp. 62 e 160.

¹¹ PORTER – *London: a social history*. *Op. cit.*, pp. 86, 124 e 157-193; RUDÉ – *Hanoverian London*. *Op. cit.*, pp. 62 e 160; e Liza PICARD – *Dr. Johnson's London: life in London 1740-1770*. Londres, Phoenix Press, 2000, pp. 248-249.

metade do século XVIII. Pode-se dizer que, neste século, a velha prática do mecenato ou do patrocínio de artistas e homens de letras por monarcas, aristocratas ou ricos comerciantes ainda não tinha desaparecido totalmente, mas isso não significa que não tenha surgido e se ampliado continuamente o espaço para independência e profissionalização de artistas, literatos ou mesmo homens de ciência.¹²

As novas concepções de educação e polidez, surgidas no início do século XVIII em comunhão com o ideário da Ilustração inglesa, estimulavam os hábitos de leitura e o interesse pela música, pela dança, pelo teatro, pela pintura e demais artes plásticas – os “prazeres da imaginação” (*the pleasures of imagination*), para utilizar a consagrada expressão cunhada por Joseph Addison em sua coluna no *The Spectator*.¹³ Desse modo, nos ambientes urbanos, formou-se um grande segmento de pessoas com elevado poder aquisitivo e interessadas no consumo de bens culturais, situação esta que esteve na base da profissionalização, cada vez maior, de literatos e artistas. Em Londres e diversas cidades, surgiram salas de concerto para abrigar grandes orquestras, com repertórios variados e compositores que, muitas vezes, criavam peças exclusivamente para elas. Estas salas de concerto também podiam se transformar em *opera houses*, apresentando espetáculos onde se reunia a música instrumental e o canto lírico no gênero criado pelos italianos – a *opera* –, mas que se difundiu por todo o continente europeu. Algumas salas foram criadas exclusivamente para a apresentação do repertório operístico por companhias inglesas ou estrangeiras (que eram atraídas pelas enormes possibilidades de ganho no mercado londrino), como foi o caso da *Opera House* de Covent Garden (Londres, chamada inicialmente de *Theatre Royal* e, mais tarde, de *Royal Opera House*), onde Handel apresentou suas diversas operas e oratórios entre 1735 e 1759 (ano de sua morte). Não era fato raro que estas salas também se transformassem em palcos para as companhias de dança

¹² PORTER – *Enlightenment: Britain and the creation of the modern world*. *Op. cit.*, pp. 34-35; e *London: a social history*. *Op. cit.*, pp. 194-214; e RUDÉ – *Hanoverian London*. *Op. cit.*, pp. 64-81.

¹³ *The Spectator* foi um periódico londrino que circulou entre 1711 e 1714, fundado por Joseph Addison e Richard Steele, cujo objetivo maior era trazer a filosofia e suas discussões para um público mais amplo. Addison escrevia com frequência sua coluna “The pleasures of imagination”, onde procurava refletir para o grande público, em tom pedagógico, sobre aqueles prazeres superiores que se diferiam dos “prazeres da carne” ou “materiais”, e estavam vinculados à imaginação ou ao sublime, relacionando-se diretamente com as diversas formas de manifestação artística. Sobre o periódico de Addison e Steele, ver: Maria Lucia G. PALLARES-BURKE – *The Spectator: teatro das luzes. Diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo, Editora HUCITEC, 1995. Para um estudo sobre a cultura e as artes na Inglaterra do século XVIII, cujo título é inspirado na coluna de Addison, ver: John BREWER – *The pleasures of imagination: English culture in the eighteenth century*. Londres, Harper Collins, 1997.

(inglesas ou estrangeiras), com seu suporte orquestral e repertório variado de *ballet*, gênero este que começava a se consagrar neste século, a partir da França, dotando a dança de uma complexa e disciplinada estrutura coreográfica.¹⁴

O teatro, que desde a Renascença era uma arte muito popular e apreciada pelos ingleses, sofreu uma grande revolução cênica, sobretudo nas suas formas de interpretação, durante a primeira metade do século XVIII. A antiga interatividade entre os atores e a platéia, o que na maioria das vezes significava a ausência de espaços diferenciados e pouco hierarquizados no âmbito das casas teatrais, deu lugar a uma rígida distinção entre o espaço da representação – o palco distante e sempre mais elevado – e o espaço da audiência – balcões ou camarotes, cadeiras, galerias, etc., que, com seus distintos preços, procuravam diferenciar e hierarquizar socialmente os freqüentadores destas casas. No âmbito cênico, as novas formas de interpretação passaram a indicar um distanciamento dos atores em relação à platéia, que deveria assistir em silêncio a uma compenetrada representação dos atores, caso a peça encenada fosse um drama ou uma tragédia, permitindo-se a manifestação do riso sempre comportado, caso estivesse sendo apresentada uma comédia. Ao final da peça, evidentemente, cabiam os aplausos, moderados ou entusiasmados, o que dependia da maior ou menor qualidade do texto encenado ou da representação dos atores.¹⁵

Um dos primeiros grandes e marcantes sucessos do novo teatro inglês foi a farsa cômica *The Beggar's Opera* (“A Opera do Mendigo”), escrita por John Gay e encenada a partir de janeiro de 1728 no Teatro Lincoln's-Inn-Fields, de Londres. Além de um texto extremamente crítico e satírico ao contexto político e social da época, pontuado por belas canções, *The Beggar's Opera* estabeleceu um novo gênero do teatro musical, a “opera balada” (*ballad opera*) e também apresentou uma nova concepção de cenografia e forma de representação que entusiasmaram a platéia e os críticos da época. John Gay simplesmente

¹⁴ PORTER – *Enlightenment: Britain and the creation of the modern world. Op. cit.*, pp. 269-270; e *London: a social history. Op. cit.*, pp. 203, 213-214; RUDÉ – *Hanoverian London. Op. cit.*, pp. 65-67; e LANGFORD – *Op. cit.*, p. 35; Liza PICARD – *Dr. Johnson's London: life in London 1740-1770. Op. cit.*, p. 257; Peter ACKROYD – *London: the biography*. Londres, Vintage Books, 2001, pp. 180-185 e 278-284. Ver ainda o panorama geral sobre a vida cotidiana de Londres, por volta de 1700, apresentado por: Maureen WALLER – *Scenes from London life*. Londres, Hodder & Stoughton, 2001.

¹⁵ PORTER – *Enlightenment: Britain and the creation of the modern world. Op. cit.*, pp. 34-35 e 38; e *London: a social history. Op. cit.*, pp. 213-214 e 222-224; RUDÉ – *Hanoverian London. Op. cit.*, pp. 71-72, 80 e 185; LANGFORD – *Op. cit.*, pp. 48-49 e 610; PICARD – *Op. cit.*, pp. 253-256; e ACKROYD – *Op. cit.*, pp. 147-158 e 170-178.